RELATÓRIO: QUARENTENA COVID-19

Gilson Manoel de Arruda

Sumário: 1- Início da minha quarentena: 23 de março de 2020.

1- INICIO DA MINHA QUARENTENA: 23 DE MARÇO DE 2020

Vivíamos o outono recém-chegado em Maceió, pois mal fizera uma semana e corria-se o boato de que uma monstruosa doença se alastrava pelo planeta, a começar pela China. As pessoas ainda estavam com ressaca do carnaval quando notícias vinham de São Paulo e Rio de Janeiro, que haveria já pessoas contaminadas pelo vírus covid-19. A doença só se tornou real quando vimos nos noticiários várias mortes ocorrendo na Itália. A partir daí o medo tomou conta da nossa sociedade. Era visível notar a preocupação das pessoas, quando uma tossia por perto, havia um certo afastamento tímido. O medo de contrair a doença já estava no consciente dos maceioenses.

A secretaria de Cultura de Alagoas onde atuo como estagiário, dispensou no início, todos seus funcionários com idade de 50 anos em diante. Como eu trabalho na "linha de frente", quero dizer, com turistas, fiquei em alerta e passei a monitorar os visitantes do museu. Observei que uma boa quantidade de turista a visitar o museu palácio Floriano Peixoto, vinha do Estado de São Paulo. Relatei isso junto as notícias da televisão dos telejornais e internet a minha coordenadora, e decidimos paralisar as visitas.

Até antes de eu ir embora para casa a recepcionista encontrava-se espirrando muito. Também passei a espirrar e ter uma leve coriza. Quando peguei o ônibus e cheguei em casa melhorei mais um pouco e desde esse dia fiquei em casa com medo de contaminar minha filha. Minha filha chama-se Júlia Santos de Arruda e morava com avó, por conta da separação com sua mãe. Se tive ou não covid-19 não saberia, pois, os testes nesse período aqui em Alagoas não existiam.

Depois de ouvir os noticiários em rede nacional, acho que todo mundo atentou-se as recomendações e os cuidados. Uso de mascaras, álcool em gel nas mãos. O noticiário das oito repetia diariamente o número de mortes, e sempre atualizava as mortes em nível global. Ouvi muitos dizerem que a doença só pegava em quem não tinha corpo de atleta, só pegava em quem já vinha com uma carga muito grande de maléficos no corpo, como diabetes, pressão alta, asma, doenças do coração, ou seja, pensava-se que quem tinha uma certa idade mais avançada, como os idosos estavam condenados. Lembro, que minha "sogra" com mais de 60 anos ficou com muito medo de contrair a doença. Dizia-se que só ia morrer velhos. Talvez essa falácia tenha ocorrido por conta do que falou o presidente, ao referir-se a ele mesmo que tinha corpo em condições de atleta. Era tudo muito confuso já que crianças morriam e até em uma mesma casa muitos não pegavam, mais levava um em especifico a óbito. É como se fosse uma doença pronta para destruir um certo tipo de gene. E não só velhos e pessoas moribundas.

Percebi também que na parte mais periférica onde moro, no bairro do trapiche, conjunto virgens dos pobres, as pessoas não estavam usando máscaras. Parecia que as medidas só valiam para a classe média e classe média alta, ou elite. Quando eu andava de máscara entre eles parecia mais algo estranho, vindo de outro tempo para os assombrar. Constantemente helicópteros do governo pairava sobre a comunidade na tentativa de afugentar quem estava nas ruas. Não havia ninguém que esclarecesse do que estava acontecendo a não ser o que se via na Tv.

Um certo dia meu ex-sogro que reside nesse conjunto, começou a se sentir mal. Febre constante, tossia muito. Falei para ele não sair de casa, que existia uma doença a espreitas de pessoas teimosas, que a ignoram. A preocupação dos demais familiares com ele era a mesma, pois ele era o único desobediente. Até que foi levado às pressas para UPA (Unidade Básica de Atendimento) na ponta grossa, por usa filha que trabalha como Técnica de enfermagem. Orientada por médicos e amigos ela levou o seu pai ao hospital da mulher onde ele ficou internado por 7 dias. Seu Zeca como é conhecido já foi fumante e atualmente bebia muito. José Martimiano da Silva é pai de Juliana Santos de Arruda mãe de minha filha Júlia santos de Arruda. Juliana mãe de minha filha também foi contaminada, pois foi ela quem cuidou do pai até a internação. Ela passou a tossir muito; seguiu as recomendações medicas. Ficou em casa usando máscara por causa da mãe, que era sua maior preocupação. Sua mãe era a que tinha mais

enfermidades por causa da idade. No entanto, foi a única que não pegou. Recebendo mensagens de cura pelo celular, juliana chegou a perguntar a mim o que achava. Vi que estava desesperada. E beber misturas milagrosas não iam adiantar. Hoje a família está recuperada, mas a tristeza foi grande, por que não sabíamos o que veria a seguir. Com a mãe contaminada, tive de explicar a minha filha por que, que ela passaria a morar um tempo comigo.

Engraçado dizer que, mesmo quando o pai dela estava em casa doente eu e minha filha frequentávamos a casa, e não contraímos o vírus, minha filha ainda morava com a mãe e os avos, em quanto eu residia sozinho, mas visitava na maioria das vezes. Passei a ser mãe e pai da Júlia, que tem 8 anos. Fez aniversário no dia 19 de maio de 2020. Não havia animo para comemorar, as pessoas não se juntavam mais para conversar e dar presentes, como de costume, fizemos um bolo e guaraná só entre nós mesmos.

A doença nos fez ver como precisamos um do outro. Durante o fechamento do museu meus dias financeiros viam-se ameaçados. Até o final desse mês não sei se vou receber a bolsa de estagio, que é um salário, que pago o aluguel e as contas. Inevitável é a dívida no cartão que me colocará como devedor, o destino no SPC é inevitável também. Pois sem futuro da minha economia não sei quando tudo vai voltar ao normal, curriculum não tem onde botar, está tudo fechado e as demissões já começaram. Para minha sorte o auxílio de 600 reais chega para enxugar a preocupação que escorre toda noite em meus pensamentos.

Juliana mãe de Júlia, minha ex-esposa, sofreu um bocado com a saudade e sem poder abraçar ou ter qualquer contato físico com a filha. Um dia ela pegou um lençol, cobriu a menina e deu um abraço, quase chora. Sua família foi atingida em cheio pela covid-19, distanciando as pessoas que ela mais ama. Eu e Juliana colaboramos juntos para lutar e vencer a covid-19. Mas todo cuidado é pouco.

Nasci em Recife, capital de Pernambuco, resido em Alagoas há 18 anos e faz 18 anos que moro em Maceió. Toda minha família mora em Recife. Minha mãe e pai é minha preocupação. Sempre falamos pelo celular e ela me conta sempre que por lá morre-se muita gente. Ela também tem medo, pois como eu disse mais a cima ela acha que a doença só afetará os idosos. Graças a Deus até agora ninguém da minha família em Recife contraiu covid-19.

Quando tinha 10 anos minha mãe saia e deixava eu ou eu e minha irmã mais velha sozinhos. Me acostumei a ficar sozinho em casa, virei uma pessoa caseira. Sempre gostei de ler e, os livros por mais simples que viessem a ser, o que eu estava lendo era uma boa viajem no mundo da imaginação. Quero dizer que, diferente do que observei, pessoas desesperadas para saírem de casa, ir à academia queimar suas gorduras, implorar para passear no shopping e gastar tudo que tem, ou, loucos que votassem as aulas, por que já não aguentava mais as crias em casa; pois ficar com minha filha por esses 94 dias de isolamento social é a melhor coisa que já vivi na vida. Com ela não vejo o tempo passar. Brincamos de um monte de coisas, até ensinei ela a andar de bicicleta. Ficamos mais amigos que nunca. Agora distribuímos petelecos quando nos encontramos. Até adotamos uma gatinha para nos fazer companhia. Talvez você pense que nada me tirou do sério nessa quarentena; errado! O que mais me incomodou nessa questão de isolamento, de ficar em casa, é que as pessoas não pareciam ter familiares para conversar, vários amigos (a) que tenho no WhatsApp mandavam mensagens querendo conversar por diversos motivos que fosse o assunto; não gosto de me comunicar por redes sociais. Prefiro conversar assunto sério pessoalmente, dizia eu. Minha rotina ficou louca. Troquei noite por dia, dia por noite, dia por tarde, e tarde por noite. Está sendo difícil regular o horário de dormir. Às vezes fico sem sono. O jeito foi tomar bastante chá de maracujá.

Durante o início do isolamento me dediquei aos estudos pendentes, fiz curso online grátis pelo senado federal que durou quase dois meses. Fiz fichamentos, li artigos e claro, nos fins de semana li meus quadrinhos de heróis e anti-heróis, afinal ninguém é de ferro. Os livros de história praticamente é uma força de aceleração onde nós acessamos e rompemos com o tempo presente. Ler sobre o passado do Brasil é o que mais gosto. Ler os meus quadrinhos, como sempre me traz um alivio do estresse. O isolamento não é nada bom quando você percebe que está demorando para acabar. Antes de minha filha vir morar comigo por causa da mãe que estava infectada percebi que falava várias vezes sozinho com migo mesmo. Pensei em até estar ficando louco. Passei a varrer mais a casa, até mesmo sem necessidade e, a fazer exercícios em casa olhando vídeos pelo You tube. Coisa que nunca fiz. Ficar parado me rendeu duas dobrinhas a mais na barriga, tive de comer menos já que não estava me movimentando muito.

Meu único refúgio nesse isolamento social são os livros e quadrinhos que tenho. Se não gostasse de ler me sentiria como os demais que exigiam conversar comigo pelas redes sociais para distrair o próprio tedio, para que não venham a vir morrer dele. Tive que dar atenção pois uma conversa de suicídio surgiu. Uma amiga acabou o namoro de muito tempo, e o isolamento não estava ajudando. Graças a Deus deu tudo certo.